

Leica: não há duas iguais

Em Vila Nova de Famalicão é fabricada, de forma quase artesanal, uma das máquinas fotográficas mais perfeitas do mundo.

Reportagem de Marina Conceição | fotografias de Bruno Barbosa



Quando os irmãos Leitz decidiram conhecer Portugal, no início da década de 70, correram o País de Norte a Sul. Nessa altura, de alguma forma, chegou aos ouvidos de Ernst, Gunther e Ludwig, o seguinte ditado popular: “em Lisboa diverte-se; em Coimbra estuda-se; em Braga reza-se e no Porto trabalha-se”.

E não é por acaso - para os alemães, nada é por acaso - que a fábrica portuguesa da Leica está localizada em Lousado, no concelho de Vila Nova de Famalicão. Os alemães decidiram que a melhor opção seria instalar a empresa entre a cidade onde se reza e onde se trabalha porque, no final de contas, uma empresa precisa sempre das duas coisas.

E, hoje em dia, mais do que nunca. A fábrica do Lousado, em Vila Nova de Famalicão, é a única unidade da Leica fora da Alemanha. A dependência que a marca tem da unidade portuguesa é total. Cerca de 90% de uma máquina fotográfica é feita em Portugal. Quando chega a Alemanha, é incorporado o principal valor acrescentado: o sensor, que é o que permite à máquina disparar e capturar o momento; e o corpo da máquina é revestido a cabedal preto.

Carlos Mira, administrador da Leica Portugal, desabafou que numa reunião na Alemanha, os administradores, reunidos à volta de uma mesa, colocaram um cenário de incêndio: quais os prejuízos da empresa se uma das fábricas ardesse. Os alemães foram unânimes: o que é feito na fábrica de Solms, na Alemanha, a fábrica portuguesa poderia começar a fazer em duas semanas, mas se ardesse a unidade portuguesa, a marca Leica desaparecia.

O trabalho que se faz no Lousado é tão minucioso, tão manual, tão sensível que, neste momento, é seguro Carlos Mira dizer que o “que se faz aqui não consegue fazer-se em mais nenhuma parte do mundo por causa das pessoas”. Todas as Leica do mundo saem desta fábrica e dependem muito do trabalho manual, por isso, não há duas iguais. São autênticas peças de escultura, já que o produto final depende da sensibilidade dos trabalhadores que estão naquele posto, naquele dia, àquela hora, tal como uma obra-de-arte.

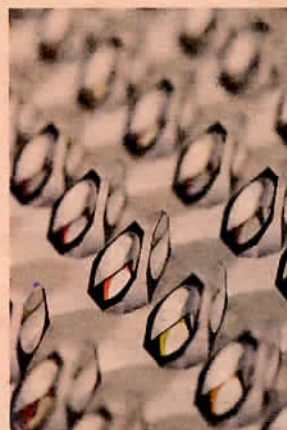
Talvez os profissionais ou amadores apaixonados por fotografia julguem que o segredo da lendária marca é o tratamento das lentes e dos prismas. As máquinas fotográficas e os binóculos estão, de facto, repletos de segredos de produção. As lentes são, indiscutivelmente, um dos segredos da Leica e está tão bem guardado que o trata-



mento das lentes é o único local da fábrica que as visitas têm de ver ao longe. Mas diz quem manda que não é, que se assim fosse podia fazer-se uma máquina Leica em qualquer parte do mundo. Afinal, bastava transferir a tecnologia e as patentes para um país mais barato e menos burocrático do que Portugal, como foi opção para tantas outras multinacionais com fábricas no País ao longo das últimas décadas.

O ‘know how’ adquirido ao longo dos últimos 40 anos é tão natural para quem lá trabalha que é difícil alguém explicar o que tem de especial esta mão-de-obra do Lousado. Sem saberem explicar como e porquê, os trabalhadores sabem executar como ninguém. Fazem e pronto... e parece tão simples a quem observa. “Nós temos muitos portugueses, cerca de 250 a 300, que já cá trabalham há 20 anos. Esse ‘know-how’ ninguém nos tira e é o nosso trunfo no universo Leica”, explicou o administrador da empresa.

Nas três secções da fábrica - óptica, mecânica e montagem - as mulheres são o sexo predominante. Mais cuidadosas, perfeccionistas e minuciosas no trabalho, as mulheres têm as mãos mais delicadas, os dedos mais longos e finos que fazem toda a diferença.



Todas as Leica do mundo saem da fábrica portuguesa e dependem muito do trabalho manual. São produzidas três mil lentes e 1.500 prismas por dia.

Na secção da óptica, são elas que finalizam, à mão, o polimento dos prismas, depois de passarem por várias máquinas de polimento. Na secção da mecânica, os moldes de latão e de magnésio chegam numa forma muito próxima da final. O primeiro desbaste é feito por uma máquina. Depois, a primeira passagem pela lixa é feita pelos trabalhadores que estão junto às máquinas de desbaste, sempre com as luvas coloridas.

Cada máquina é única

As estruturas metálicas da máquina Leica são depois levadas para a sala de polimento. É nesta sala que está a maior diferenciação da marca e do trabalho manual desta fábrica. As secretárias estão encostadas às paredes à volta da sala e mais umas quantas no meio. Com bastante espaço entre as secretárias, os trabalhadores só levantam a cabeça para pousar a estrutura já polida e ir buscar a seguinte. O trabalho é manual nos gestos mas parece quase mecânico no resultado. Cada máquina é única porque é polida à mão e depende da leveza e perfeccionismo dos movimentos, mas quem olha a olho nu, não percebe as diferenças entre as máquinas polidas pelo jovem de óculos de massa pretos e a ra-



NÚMERO

6900

É este o preço em euros da Leica M, o último modelo da marca, sem objectiva, que tem um preço mínimo de dois mil euros.

A ORIGEM DO NOME

Leica

Para dar o nome à marca, a família Leitz juntou as iniciais do seu nome (Lei) com as iniciais da palavra câmara (ca). Nascia assim a Leica, uma das máquinas fotográficas mais perfeitas do mundo.

pariga de cabelos loiros, presos em rabo-de-cavalo, que estão mesmo ao lado um do outro.

Uma máquina Leica M, o modelo digital mais recente da marca, é composta por 800 componentes, muitos deles só são visíveis à lupa. A maior parte dos elementos da máquina são produzidos na própria fábrica, mas há alguns que vêm prontos dos fornecedores, um tema sensível para Carlos Mira. "Temos poucos fornecedores portugueses. Gostaria de ter muitos mais mas infelizmente não estão à altura da qualidade que a Leica exige", sublinhou o administrador.

Depois de produzidas três mil lentes e 1.500 prismas por dia e estruturas suficientes para 150 máquinas diárias, passamos para a secção de montagem. Na linha da Leica M trabalham 58 pessoas, todas mulheres, em secretárias corridas e com uma luz e uma lupa à frente do rosto.

Neste caso, a versatilidade é inimiga da perfeição: cada trabalhador tem uma única função. Na montagem, os componentes são tão pequenos que, muitos deles, têm de ser agarrados com pinças que têm íman nas pontas. De outra forma era impossível pegar em parafusos tão minúsculos que sem lupa não era possível aparafusá-los à estrutura. No final da linha, é feito um teste ao pro-

duto, que é ligado a um computador para respectiva verificação.

Todas as sextas-feiras, sai um camião da fábrica em direcção à Alemanha com máquinas fotográficas e binóculos. E nem a crise económica e financeira que assola Portugal tira os camiões da rota do Lousado. "Enquanto o camião continuar a sair daqui todas as sextas-feiras para a Alemanha, os accionistas não têm reticências nenhuma em relação ao investimento que têm em Portugal", admitiu Carlos Mira.

Extremamente limpa, com um chão imaculadamente branco, em tom de provocação ao algodão, esta unidade foi inaugurada em Março deste ano. A intenção foi substituir a fábrica antiga, localizada a poucos metros da nova unidade. A primeira fábrica da prestigiada marca alemã de máquinas fotográficas abriu há precisamente 40 anos, em 1973, com o apoio do Banco Espírito Santo, que ajudou a empresa a implantar-se em Portugal e que ainda hoje detém 8% do capital da subsidiária portuguesa.

A empresa investiu 22 milhões de euros na modernização das instalações e de algumas máquinas e decidiu também aumentar a capacidade de produção. Para prevenir, a Leica Portugal tem ainda cinco mil metros quadrados para expansão se for necessário, mas entretanto, a fábrica antiga – que era suposto ser vendida – foi reactivada porque há muitas encomendas. Contra todas as expectativas, a Leica continua a bater recordes nas vendas e no número de trabalhadores. Só este ano, a empresa contratou cerca de 70 trabalhadores.

"Somos quase 850. Estamos com um volume de encomendas que nem sonhávamos em 2008", disse Carlos Mira. O ex-libris da marca, a Leica M, tem sete meses de lista de espera em todo o mundo. As encomendas chegam sobretudo da China, Japão, Coreia, Tailândia e EUA.

OS FÃS DA MÁQUINA

António Barreto Surpreendido na Quinta Avenida

Foi na Quinta Avenida, em Nova Iorque, que o sociólogo António Barreto aguçou a curiosidade pelas máquinas Leica. A história passou-se nos finais da década de 70, quando o presidente da Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS) entrou numa loja de fotografia com uma Nikon pendurada ao peito. "O empregado perguntou-me a nacionalidade e, quando soube que eu era português, dirigiu-me um olhar esbugalhado. Foi ele que me ensinou que uma parte da Leica era feita em Portugal", contou ao Diário Económico. Surpreendido, acabou por sair da loja sem comprar nada. Regressou a Lisboa e pôs-se a investigar. O presidente da FFMS gostou do que viu. "No início dos anos 80, comprei a minha primeira Leica, uma M6, com a qual faço fotografia", disse. Mais tarde, comprou também uma R4, em segunda mão, a "um preço acessível". Com milhares de fotos tiradas em vários países, uma das grandes exposições do sociólogo foi a exibição de 38 imagens a preto e branco do Portugal contemporâneo, realizada em 2008. Agora, prepara-se para publicar um livro sobre o Douro, uma das suas regiões preferidas para fotografar. **A.S.**



Paula Nunes

Luiz Carvalho Presidentes deslumbrados

Luiz Carvalho gosta de comparar uma Leica a um automóvel Porsche 911. "É um conceito idêntico: 'design', fiabilidade e qualidade. É uma maneira de estar na vida", diz Luiz, que trabalhou como fotógrafo do semanário Expresso durante mais de duas décadas. "Sou fanático pela máquina, desde os 17 anos. Nessa altura, não tinha dinheiro para comprar uma. Por isso, tive de esperar dois anos e, desde aí, nunca mais deixei de trabalhar com a marca". Estávamos a meio da década de 70 e o fotógrafo iniciava a carreira profissional. Com a Leica fotografou os Presidentes Ramalho Eanes, Mário Soares, Jorge Sampaio ou Cavaco Silva. Todos eles ficaram deslumbrados com a máquina. A nível internacional, recorda uma viagem de avião com Kofi Annan, antigo secretário-geral das Nações Unidas. "Lembro-me que me pediu a máquina e até tirou uma fotografia."

Além da qualidade da imagem, o fotógrafo aponta outra grande vantagem deste objecto de culto: "Quase todas as personalidades ficaram entusiasmadas com a Leica". "E isso pode facilitar o 'frente-a-frente' entre o fotógrafo e quem vai ser fotografado, acrescenta o fotógrafo. **A.S.**



Paula Nunes